



Imagens e culturas tradicionais: uma década de experiências visuais nas aulas da extensão do ODEERE

Antonio Argolo Silva Neto^{1*}, Edson Ferreira Dias

¹Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

***dxargolo@yahoo.com.br**

TRABALHOS COMPLETOS – GT 01 – Etnicidades, Memória e Educação

RESUMO

O trabalho propõe um relato de experiência sobre as aulas do módulo de Linguagens Visuais, Memória e Culturas na Extensão do ODEERE/UESB. O expediente acontece anualmente, num único final de semana, reunindo professores e a comunidade visando atender à formação continuada e os pertencimentos, especialmente nos cursos de Educação e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Neste cenário privilegiado pelas relações étnicas e pela diversidade sustenta-se a problemática: como evocar as experiências coletivas desse público e transformá-las num produto visual, com potencial de mediação no processo de ensino-aprendizado? A aula expositiva sobre o conceito de imagem, a imersão no campo e na Antropologia Visual foram métodos escolhidos para dialogar com a cultura, a fotografia e as produções audiovisuais. O resultado de uma década de trabalho apresentou respostas positivas às nossas perguntas. Também permitiu despertar consciências sobre o uso crítico das imagens visando fortalecer a cultura afro-indígena, impedindo o apagamento simbólico.

Palavras-chave: Linguagens Visuais, Imagem, Cultura

Submetido em: 13/10/2025 | **Aceito em:** 10/11/2025 (não preencher)

1. Introdução

A proposta deste trabalho é apresentar a experiência, que venho desenvolvendo há uma década no ODEERE - Órgão de Educação e Relações Étnicas da UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus de Jequié. O experimento foi amparado no grupo de pesquisa "Linguagens Visuais, Memória e Cultura" e aparece na trajetória docente desenvolvida no curso de Extensão.

Neste cenário privilegiado pelas relações étnicas, a problemática residia em identificar e mapear a matriz cultural afro-indígena presente em Jequié e região. Em segundo momento, analisar as formas de interação entre os diferentes grupos étnicos. Considerando a imagem como um potencial mediador desses conflitos relacionados aos aspectos de identidade cultural, religião, saberes tradicionais, símbolos coletivos e práticas sociais.



Todos esses elementos desembocaram para o mesmo rumo: a educação. Ao concluir o Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade retornei ao meu lugar de origem para trazer uma contribuição docente. A partir da reconexão com o ODEERE passei a integrar a equipe de trabalho, formada pelo titular da disciplina e também com o Griot Manuel Dhemmys, no módulo de Linguagens Visuais, Memória e Culturas. O expediente, introdutório dos cursos de Extensão, acontece num único final de semana com vistas às normativas curriculares da Lei 10639/2003 e 11.645/2008, que preconiza a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena na educação fundamental e básica.

A corrida por formação continuada, permitiu que o espaço universitário do ODEERE fosse ocupado por professores, pesquisadores e comunidades tradicionais. Esse ambiente educacional se tornou o *lócus* perfeito para o acolhimento dessa diversidade cultural, apresentando novas possibilidades de ensinar e aprender. Bem como ampliar percepções sobre o campo visual, que inscreve esses grupos étnicos a partir das suas demandas educacionais e das suas diferenças.

Uma indagação tornou-se operante para os objetivos do módulo: como evocar as experiências coletivas desse público e transformá-las num produto visual, com potencial de mediação no processo de ensino-aprendizado? Para além da discussão sobre o conceito de imagem, a imersão no trabalho de campo e na Antropologia Visual foram métodos importantes para estabelecer um diálogo entre a cultura, fotografia e as produções audiovisuais. O resultado de uma década de trabalho apresentou respostas positivas às nossas perguntas. Também permitiu despertar consciências sobre o uso crítico das imagens, visando fortalecer a cultura afro-indígena e impedir seu apagamento simbólico.

2. Imagem e suas aproximações com os saberes tradicionais

Vivemos num universo povoado por imagens e, conforme dizia Eliade (1991) não conseguimos nos livrar delas por nada. Em razão disso, o homem que não se nutre dessa fonte imagética seria cortado da sua própria existência comprometendo o sentido da vida. A imagem, do latim *imago*, portanto, habita o



espírito humano e participa das suas percepções e representações desde os tempos imemoriais sem perder importância no seio das sociedades modernas.

Durand (2004) amplia esse entendimento ao inferir que a imagem se torna invasora, sedutora quando nos convence através das propagandas midiáticas mais sutis. Entre o dormir e o acordar ela ocupa os sonhos, as fantasias. Influi em nossas opiniões muito antes do aprendizado das primeiras letras. A imagem, ademais, afeta a identidade e até mesmo pode ser um determinante para aproximar ou afastar-se dos grupos sociais aos quais dizemos pertencer.

As discussões a respeito do conceito de imagem, que aqui propomos, não aparenta uma trilha de linha reta. Até porque quando falamos em imagem, o nosso olhar não fica saturado no exercício ocular. Muito embora a imagem se utilize de traços visuais para imprimir sua narrativa, esse resultado torna-se mais efetivo quando desperta a sensibilidade cognitiva utilizando-se do corpo humano em seus múltiplos sentidos. Martine Joly torna-se pertinente nessa análise ao afirmar que a imagem é uma representação do ausente e só se torna efetiva porque depende do homem que a produz ou a reconhece.

Ainda que a natureza nos ofereça imagens, ela se sustenta no exercício perceptivo e cultural. Portanto, é resultante de tudo aquilo que chega à nossa visão e lhe devotamos um olhar, mas é também mental. Isso já que a imagem pode ser fruto do inconsciente e da ação cognitiva, que se percebe com os sentidos, e após se apresenta à consciência sintetizando uma representação visual:

A imagem mental corresponde à impressão que temos quando, por exemplo, lemos ou ouvimos a descrição de algum lugar, de vê-lo quase como se estivéssemos lá. Uma representação mental é elaborada de maneira quase alucinatória, e que parecem tomar emprestadas suas características de visão. Vê-se. (JOLY, 1996, p. 19).

Portanto, o conceito de imagem amplia o nosso campo de entendimento - nasce da percepção sensorial, mas é reconstruída pela imaginação e pelo imaginário. Ver, ouvir, sentir, cheirar, degustar constitui-se pensamentos, que nas palavras de David Le Breton, precede esses sentidos - sinto, logo existo: "Dizer com



Descartes: 'penso, logo existo' é omitir a imersão sensorial do homem no âmago do mundo" (LE BRETON, 2016, p. 11).

Para além das experiências sensitivas, em Le Breton (2016), a cultura prevalece como um sistema simbólico que orienta a imagem, determina e estimula sua intencionalidade. Ainda, em razão da cultura, nos aproximamos dessa relação visual com os saberes tradicionais, por conta dos conflitos que afetam sua existência no contexto da modernidade. É aqui que o expediente pedagógico da universidade se encaixa, na perspectiva de perceber que a imagem não é apenas constituinte do sujeito, mas de suas relações coletivas com os grupos de pertença.

Vindos de Jequié e de outras cidades da região, os cursistas da Extensão encontram no ODEERE um elo com suas raízes. Em dois dias de aulas a casa lotada reúne, numa mesma sala, diversos interesses temáticos, pertenças e identidades. Mesmo que no primeiro contato visual entre alunos e professores da disciplina Linguagens Visuais, Memória e Culturas esses traços estejam evidentes, cabem algumas perguntas: quem é você? O que entende por imagem? Escutá-los orienta a mediação pedagógica na intenção de conhecer suas limitações conceituais sobre imagem. Também reconhecer os saberes que cada um traz e reafirmar que, no processo de ensino-aprendizagem, todos somos aprendizes e protagonistas do conhecimento.

Nessa primeira manhã a aula segue teórica e reflexiva. Decodificar as imagens é desnudar a si mesmo, conhecer suas origens, compreender as fronteiras e as diferenças que se estabelecem entre o eu e o outro, é se relacionar com o simbólico. À vista disso respondem às subjetividades mais pontuais e existenciais da humanidade, justificando importância na caminhada acadêmica quando é possível vincular imagens ao currículo e à cultura. O aluno da Extensão passa por diferentes estágios na sua formação, inclui visitas em museus, terreiros, igrejas e outros patrimônios artísticos/culturais. Essa compreensão interdisciplinar sobre as linguagens visuais, que se discute nas aulas, possui uma relevância formativa. Contribui para ultrapassar os limites iconográficos e estimular percepções que exige um esforço cognitivo.



As cores, as vestes, os adornos também suscitam imagens e dizem muito sobre a identidade dos cursistas, que adentram à sala trazendo um sentido atribuído ao imaginário coletivo. À medida que as aulas avançam pela tarde, ainda nesse primeiro encontro, o ambiente também é preenchido por objetos e artefatos de uso tradicional. Esse é um marcador de tarefas que segue, dividindo a turma em produtores audiovisuais e de artefatos. Os pilões, peneiras, vassouras, tambores, berimbaus, jequis são indicadores usuais de pertencimentos coletivos e narrativas míticas. A proposta visa conectar o ensino de linguagens visuais às dimensões do sensível, presente no cotidiano e na cultura material afro-indígena. Justifica resgatar lembranças, lugares de memória e imateriais, na tentativa de que elas não sejam apagadas e tampouco afetem as próximas gerações.

Atualmente, as referências mais elementares passam por reinvenções de suas formas originais, buscando atender ao que Thompson denomina “novas ancoragens do mito”. Em nome da modernidade os saberes tradicionais estão sendo adaptados, para não dizer desaparecendo. Thompson (1995) ressalta que as culturas, enquanto formas simbólicas, inserem-se em campos de poder e disputa. Do mesmo modo, as imagens, ao circularem, não são neutras: carregam ideologias, produzem silenciamentos e resistências.

Nesse contexto, o trabalho com imagens no ensino de culturas tradicionais torna-se, também, um exercício crítico. Resultando num gesto de descolonização do olhar, que busca reconhecer e valorizar os sujeitos historicamente excluídos dos espaços de visibilidade e representação.

3. Experiência pedagógica em produção visual

O exercício pedagógico em produção visual constitui um campo fértil de experimentação e reflexão sobre o papel da imagem na construção do conhecimento e dos sujeitos. Embora o uso das linguagens visuais não seja uma prática recente no contexto escolar, ele ganha novos significados com o advento das tecnologias digitais e da mídia eletroeletrônica (SILVA NETO, 2016).

Essas ferramentas ampliam as possibilidades de expressão e percepção, permitindo ao sujeito ressignificar a realidade que o cerca e intervir criticamente



sobre ela. Então, a produção visual em sala de aula se torna não apenas um exercício estético, mas ainda um ato político e sociocultural. Capaz de fomentar o engajamento dos estudantes com as questões do seu tempo e com a diversidade de saberes tradicionais, que exigem um modo de ver e representar o mundo.

Mesmo que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apresentem perspectivas para o ensino das artes, sua contribuição foi reconhecer as linguagens visuais como instrumentos pedagógicos que ampliam o repertório expressivo e interpretativo. O marco legal ocorreu com a Lei nº 13.278, de 5 de maio de 2016, que alterou o § 6º do art. 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96). A legislação tornou obrigatórias as artes visuais nos currículos da educação básica, destacando a fotografia e o audiovisual por promoverem o diálogo entre arte, memória e conhecimento. Especialmente, em tratar temas transversais e interculturais, como os saberes tradicionais afro-indígenas.

O módulo de Linguagens Visuais, Memória e Culturas, entretanto, não foi criado nessa iminência legislativa. Seu exercício remete-se à história do ODEERE, quando da inauguração dos primeiros cursos de Extensão em 2007. Fruto das discussões apresentadas no Doutorado (FERREIRA, 2024), a proposta surgiu com sua inserção no grupo de estudo que possuía a mesma nomenclatura. Além da formatação semelhante à disciplina Técnicas e Recursos Audiovisuais, ministrada pelo mesmo professor do quadro permanente da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS.

As atividades acontecem anualmente no ODEERE/UESB, apenas um final de semana, e se renovam a cada ano em face dos inúmeros desafios. Isso perpassou ao processo da pandemia, além de mudanças de ordem curricular e nas plataformas tecnológicas onde são geradas e visualizadas as produções visuais.

Na universidade pública a educação se desenvolve em meio a tensões e distinções, onde saberes tradicionais e científicos se confrontam e se complementam, criando novas formas de aprendizagem e de reconhecimento sobre o outro (SANTANA, 2014). À vista disso, as aulas de Linguagens têm sido resultado desse encontro de diferentes grupos étnicos, que buscam respostas curriculares e comunitárias.



A proposta pedagógica em Educação Visual é voltada para escutar essa comunidade e apontar a necessidade de que ouvir o outro também é importante. Portanto, a continuidade da aula, nesse segundo dia, reside em dividir a classe em várias equipes de trabalho. O aluno é convidado a romper os limites das salas de aulas para imergir no campo de experiência em busca dos seus personagens de estudo. Após, retornar com os resultados para apresentação de um produto visual em formato fotográfico ou audiovisual, que dê conta de debater e atender às proposições sobre a imagem.

Santana (2021, p. 41), que também discute os desafios para conectar o ensino universitário no campo disciplinar, aponta um caminho pluriversitário. Nessa compreensão a interdisciplinaridade não é apenas uma relação entre áreas do saber, são relações que dialogam com os diversos tipos de conhecimentos:

É através deste conhecimento 'Pluriversitário' elaborado através da PESQUISA, que nós pesquisadores/as vamos detectar quais são as demandas sociais. Através das demandas sociais que o trabalho da EXTENSÃO acontece no espaço universitário dando corpo às Relações Étnicas como práticas e saberes dos diversos, de diferentes, das diferentes áreas de conhecimentos e de diferentes profissionais. (Grifos da autora)

Essa conclusão atende os propósitos no campo operativo da imagem. Ao propor o diálogo entre o saber normativo e o saber tradicional, a universidade é chamada a construir um campo contextual em que a imagem e a linguagem visual possam assumir uma comunicação entre diferentes disciplinas com formas legítimas de conhecimento. Isso significa deslocar o olhar da centralidade da escrita para outras linguagens – a exemplo das narrativas simbólicas e visuais – que se aproximam da oralidade e também produzem e comunicam saberes.

Apesar do pequeno tempo de produção, além de problemas nas plataformas de montagens, os resultados das atividades indicadas o módulo de Linguagens Visuais, Memória e Cultura apresentam assertividade pedagógica e fluem conforme previsto. Em anos anteriores, eram recomendados o *Windows Movie Maker* e o *PowerPoint* para edição e montagem. Também havia limitações no processo de captura. Com o passar o tempo surgiram inovações nos aparelhos



celulares, que melhoram a qualidade fotográfica e o domínio de apresentações criadas em plataformas digitais e pela Inteligência Artificial (IA).

Nesses dez anos de atividades, observou-se que as propostas de trabalho em grupos foram construídas a partir das motivações antropológicas, que se expressam nos *lócus* de pesquisa e pertencas. Os temas não surgiram da telenovela, da indústria cinematográfica ou de nenhuma pauta da mídia dominante. Surgiram no cotidiano, do seu lugar de vivência e experiência sensorial: feira-livre, uso de plantas medicinais na cultura tradicional, cabelo negro e identidade, atendimento da mulher negra no SUS, comidas baianas, Caruru de Cosme e Damião, adornos sagrados, importância do ODEERE como território simbólico ou resultante da “nova imagem da comunidade do Pau Ferro”.

Cada equipe teve entre quinze a vinte minutos para apresentar e debater a produção visual, que segue disponível em formato digital no acervo da instituição. A culminância de apresentações justifica a importância do módulo de Linguagens Visuais, Memória e Cultura ao trazer para o debate, em dois de aula, questões que norteiam a relação homem-imagem. Surgiram histórias até então desconhecidas, reflexões, memórias e dimensões sensíveis. Conforme dito por Ferreira (2024, p. 378) em oportunidades e objetivos similares:

[...] evidenciar subjetividades que revelem o ato de ver, perceber a cidade, a produção do sujeito que interage, olha, sente o cheiro, o frio e o calor dos lugares. Experimentar a comunicação por imagens constituiu um exercício de narrar fatos perceber e sentir a cidade em que vivem.

Essas experiências, ao se converterem em linguagem imagética, revelam a potência do olhar como ferramenta pedagógica. A imagem convoca o sujeito a se reconhecer em sua própria história, estimulando a produção de sentidos que afirmam pertencimentos culturais. À vista disso a universidade se transforma num espaço dialógico, em que cada imagem - seja de uma feira-livre, de um ritual, de um adorno ou de um alimento - é interpretada como texto cultural, carregado de valores, símbolos e significações ancestrais. Ao ampliar o conceito de imagem, esse



processo deixa de ser apenas uma representação visual, permitindo compreender as práticas cotidianas como expressões estéticas e políticas de resistência.

4. Considerações

O trabalho docente no módulo de Linguagens Visuais, Memória e Culturas permitiu compreender algumas questões primordiais. Primeiro identificar que o campo das imagens é operativo por evidenciar, na diversidade cultural, elementos que nos ajudam a reconhecer nossos pertencimentos e a maneira pela qual somos enxergados pelos outros. Em segundo lugar, considerando que a maioria desse público é representada por professores e lideranças comunitárias, reconhecer a importância de que essas narrativas visuais possam servir como material didático, memória e mediação das relações étnicas a partir das suas diferenças.

Os resultados das produções visuais apresentam aspectos positivos. Entre eles fortalecendo o exercício do olhar sobre o cotidiano; o reconhecimento das culturas (i)materiais, tradicionais e da oralidade que se manifesta em valores e referências passíveis de apagamento simbólico; saber escutar as comunidades e incluí-las em suas narrativas visuais; o olhar crítico para confrontar as imagens que sustentam racismos e domínios coloniais; e o uso potencial dos dispositivos eletrônicos para gerar protagonismos e conteúdos significativos.

5. Referências

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei nº 9.394/96, modificada pela Lei nº 10.639/2003, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União, Brasília, 11 mar. 2008.

BRASIL. **Lei nº 13.278, de 05 de maio de 2016.** Alterou o § 6º do art. 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/1996, para incluir a obrigatoriedade das "artes visuais" nos currículos da educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, 03 mai. 2016.



BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DE SANTANA, Marise. **Relações Étnicas: desafios para o Ensino, Pesquisa e Extensão no Campo Interdisciplinar**. ODEERE: Revista Internacional de Relações Étnicas, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 35–49, 2019. DOI: 10.22481/odeere.v4i8.6233. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/odeere/article/view/6233>. Acesso em: 11 out. 2025.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FERREIRA, Edson Dias; SANTANA (DHEMMYS), Manoel da Silva; PAIXÃO, Ronaldo dos Santos da; AMORIM, Robson Bastos. **Linguagens visuais e culturas: pesquisa e educação em foco**. ODEERE: Revista Internacional de Relações Étnicas, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 361–381, 2024. DOI: 10.22481/odeere.v9i2.15207. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/odeere/article/view/16688>. Acesso em: 12 out. 2025.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 1996.

LE BRETON, David. **A Antropologia dos sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2016.

SANTANA, Marise de. **ODÊ ERÊ: Espaço de Construção do Conhecimento Afro brasileiro**. ODEERE: Formação docente, linguagens visuais e legados africano no Sudoeste baiano. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2014

SILVA NETO, Antonio Argolo. **A fotografia como interface da educação visual na escola**. Retratos da Infância na Escola, Editora Nó Cego: Jequié/BA, 2016

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.